

REFLEXÕES DE DUAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: CRIANÇAS COM BAIXO LIMAR DE FRUSTRAÇÃO

Rosane Siqueira¹ e Tainara Navas²

Resumo: O presente artigo nasce das conversas entre duas professoras da Educação Infantil, uma de âmbito Municipal e outra Federal, sobre a realidade de comportamentos agressivos sentidos em seus cotidianos. A partir das narrativas das professoras busca-se uma breve reflexão de como as diferentes perspectivas de ver a criança podem trazer novas estratégias para a solução de problemas cada vez mais comuns em nossa realidade escolar. As narrativas aqui apresentadas foram realizadas em tempos, locais e com linguagens diferentes e não pretendem formular soluções e/ou levantar críticas sobre os comportamentos das crianças e as atitudes tomadas em relação a cada caso. O movimento de escrita pretende conduzir o interlocutor a uma reflexão intrínseca sobre que Pedagogia se quer no cotidiano, uma Pedagogia dita social, alegando que toda pedagogia é social, ou uma Pedagogia Social que enxergue a criança como sujeito histórico e de direitos?

Para início de conversa

O presente artigo nasce da realidade de enfrentamento, de professoras da Educação Infantil, com crianças de três a cinco anos que, entre os anos de 2009 a 2018, vem apresentando problemas de baixo limiar de frustração que por muitas vezes recebem rótulos e diagnósticos de uma criança hiperativa, com déficit de atenção ou com o chamado “*transtorno-opositivo desafiador*”.³

¹ R. S., Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Professora da Fundação Municipal de Educação de Niterói. Mestranda do Campo dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular na UFF – rosanesiqueira04@gmail.com

² T. N., Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta da Unidade de Educação Infantil da UFF e Mestranda em Educação do Campo dos Estudos do Cotidiano da Educação Popular na UFF – tainaranavas@hotmail.com

³ Segundo a Revista Brasileira de Psiquiatria, o transtorno-opositor desafiador, também chamado de transtorno desafiador de oposição (TOD): É um transtorno disruptivo, caracterizado por um padrão global de desobediência, desafio e comportamento hostil. Os alunos que apresentam este tipo de transtorno possuem dificuldade em aceitar regras gerando

Porém, queremos destacar que não temos a intenção de diagnósticos ou rotular crianças. Entretanto, o baixo limiar de frustração das crianças é uma realidade que, ao longo dos últimos anos, vem se tornando presente nos relacionamentos cotidianos na escola, chamando a atenção de diferentes pesquisadores, principalmente nas áreas da psicologia e da pedagogia.

Nossa narrativa não pretende tratar sobre o tema de um viés psicológico, ou conduzir uma reflexão pedagógica profunda sobre o tema, mas propor um diálogo sobre as dificuldades encontradas pelos professores, cada vez mais frequentes, de um comportamento que envolve bater nos colegas com violência, empurrar os outros sem aparente motivo, quebrar coisas ao redor, agredir o professor e a recusa ao diálogo.

Ressaltamos também que não é nossa intenção criar um diálogo que nos conduza a perceber que é preciso colocar o aluno na forma, ou seja, questões que envolvam disciplina, *que tem seu próprio tipo de cerimônia* (FOUCAULT, 1987, p 212.). Não estamos buscando métodos ou estratégias para o ao silenciamento da criança, encarcerando nossos alunos.

Nossa reflexão nasce das relações intrínsecas entre professor e aluno que transformam a estrutura física e emocional dos dois e não na relação disciplina e indisciplina. Como vemos em OLIVEIRA (2009, p.2):

Nesse sentido, a disciplina está nitidamente ligada à indisciplina; enquanto a primeira é entendida, pelo senso comum, como a manutenção da ordem e obediência às normas, a segunda significa a sua negação, ou seja, a quebra da ordem. Esse entendimento sobre o conceito de disciplina e indisciplina é o que prevalece até hoje em determinados meios sociais.

Buscamos aqui, através de algumas experiências singulares, compreender como alunos e professores travam esta batalha, que não se limita ao uso da palavra, mas caminha para o encontro de corpos. Como compreender tal comportamento na infância dentro de um sistema majoritariamente repressor?

momentos de discussão com os adultos. Não aceitam ser responsabilizados por sua má conduta e perdem facilmente o controle se as coisas não seguem a forma que eles desejam. (2004, p.273)

Entendo o contexto

Durante muito tempo o termo “infância” foi eloquentemente inserido nos discursos universitários e as diferentes teorias tentavam compreender um período do ser humano que durante séculos foi negado, ou não era reconhecido. A imagem da criança diz o que ela é. Suas atitudes transmitem o que quer dizer. Sua fala sem filtro traduz seus pensamentos. Era sobre esse ser incógnito que os estudiosos debruçaram seus questionamentos. É sobre ela que queremos voltar a pensar.

De mini adulto à criança, de responsabilidades fechadas à infância colorida, eis que nasce um novo conceito. A sociedade a reconhece, mas ninguém mais sabe lidar com esse ser estranho que surgiu. Será que alguém percebeu que eles mudam conforme o tempo? Ou elas sempre foram assim? Às vezes não sabemos mais. A criança é frágil, mas adaptável. Se o mundo lhe dá uma madeira transforma em avião, se lhe dá uma bola traz o estádio. E na negação evoca fantasmas. Tão poderosos que é difícil acreditar que podemos contê-los.

Todos sabem alguma coisa sobre a criança, teórica ou não. Os professores abraçaram a ideia de que elas são sua responsabilidade. Elas precisam deles. O que elas sabem da vida? O que podem fazer por si mesmas? Devemos cuidar e educar. Só não permitam que elas falem muito, pois afinal, criança sabe o que dizer?

De acordo com Kohan (2003) na primeira concepção platônica, para a sociedade da época, a infância não tinha características próprias, centrava-se numa visão futurista, onde se via apenas possibilidades, ou seja, a criança era vista como um ser em potencial, entretanto, essa potencialidade não permite que ela seja em ato o que é. Em defesa de um devir, a criança não é nada no presente. Sua educação é vista como projeção política, por isso é preciso moldar e imprimir-lhe tudo o que é necessário a um bom cidadão. (LUSTIG, *et al*, 2010, p. 3)

Não é assim que estamos vendo a infância do nosso tempo? Onde estão mesmo as crianças? Onde, de forma segura, contra a violência serrada das balas perdidas, dos assaltos desastrados, da indiferença das famílias? Temos saudade de ouvir nas ruas os seres barulhentos que perfuram vidraças

om pedras e pulam muros sem permissão. Que correm embaixo de nossa janela e gritam por nada, cheios de onomatopeias.

Nas TVs, na internet, no rádio, há crianças por toda parte. Elas falam, trocam, aprendem rápido e começam a perceber o mundo mais rápido que o tempo lhe permitiria. É sobre essa infância que estamos conversando? Aquela, do joelho ralado, da sujeira seguida de bronca, que corre atrás da pipa, que brinca de boneca, que fica “de mau”, mas também fica “de bem”, mas também que é a que aprende cedo sobre a sexualidade, sobre a perda, sobre a fome e sobre a indiferença.

É o espelho de uma sociedade desigual refletido na sala de aula. Não é o financeiro que os preocupa, mas eles são ávidos pelo ter. Não é a beleza que os incomoda, mas o ser remonta a beleza do status conquistado. Seus pais, frutos de um ciclo devastador de pobreza e coerção, difundem em suas proles a manutenção de um status quo cruel e quase indefensável.

E a escola? A escola brinca de prisão, *uma “alma” a conhecer e uma sujeição a manter* (FOUCAULT, 1987, p. 321) coloca dentro de seus muros crianças que se encontrarão com professores, que, quase carcereiros, ajudam cada uma a se manter na “linha”. Obedecer ao sentar e levantar, o brincar e o parar. Desculpe, mas ser criança tem tempo. Há muita coisa envolvida e ser criança fica para o final. Falar, só se autorizada. Dessa forma, os sentimentos também estão enjaulados, uma prisão dentro de outra.

Mas sentimentos são fortes e poucos ficam realmente presos por muito tempo. E quando liberados retornam piores e mal formados. Explodem em qualquer lugar ou situação. E o professor tem que lidar com os dois. Com a criança e com o sentimento. Não há força capaz de segurar o sentimento. Só um sentimento pior. A raiva contida no peito do professor explode também. É tudo ou nada. Mas o braço do mais forte está algemado, e os sentimentos precisam recuar. Suas armas são o tempo e o tempo cobra seu preço enfraquecendo as estruturas físicas. Não há mais força, não há vigor, não há vontade. Há somente os olhos sem esperança que somente olham e se perguntam: Onde nós iremos parar?

Os relatos que leremos a seguir são de duas professoras da Educação Infantil, em escolas de âmbito municipal e federal, no qual, as narrativas ganham suas singularidades a partir das perspectivas intrínsecas da relação de cada uma com o fato ocorrido. Buscamos preservar a característica narrativa de cada professor compreendendo que cada fala parte do primeiro movimento do repensar a própria prática. De olhar o que ninguém vê, de perceber com sensibilidade a realidade de seus alunos.

Dois meninos sentados no pátio

A Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), da qual este relato faz parte, é uma UMEI de horário integral, com dois professores por turma, cuja proposta pedagógica passa por diferentes perspectivas coletivas e individuais, tendo como base a questão sociointeracionista, *“no qual a melhor forma de aprendizagem é a que implica na interação”*, como pano de fundo para o trabalho, que compreende que *“aprender é eminentemente um ato de socialização, não é uma postura individualista, mas organizacional.”* (TEIXEIRA, 2004, p. 2). As professoras, incluídas neste contexto, possuem formação universitária e há quase onze anos atuam na Educação Infantil.

Ainda é segunda, a semana mal começou, mas há duas crianças sentadas no pátio. O motivo: Bater nos colegas e tentar quebrar os móveis da sala lançando-os simultaneamente contra os colegas. Duas crianças, segundas diferentes. Duas histórias dentro de um mesmo contexto de enfrentamento e dor.

Todos brincam, ele só olha. Seu corpo ainda em propulsão emite o som que a raiva deve ter. Os olhos fixados nos outros parece tramar a vingança. Seu corpo não se acalma. Coloca-lo sentado só o enfurece mais. Seus gritos, cuspes e palavrões são seguidos por objetos lançados contra os colegas. Como conter tanta fúria?

A professora, naquele momento é instrumento de proteção, que o colocara para pensar, corre ao encontro do menino. É preciso dominar, é preciso força de corpo e de palavra, mas a professora exaurida de um dia de luta, simplesmente usa a força dos braços e o abraça balançando o corpo,

como em uma canção de ninar, para aplacar uma fúria que ela desconhece e para a qual não foi formada. Ela também se sente sozinha nessa hora socos, chutes e gritos estão dentro desse abraço. Ao balançar o corpo acalma a si mesma e ao outro, que finalmente chora. E a professora? Ela chora por dentro.

Outra segunda e lá está o menino novamente. Foram terças, quartas e sextas que se seguiram a momentos de enfrentamentos. Carteiras quebradas, trabalhos dos amigos rasgados, murais destruídos. Ele se arrasta pelo chão. Ninguém o segura. As professoras se revezam em contê-lo. A diretora é chamada, os pais são chamados. Todos conversam, mas ninguém fala a língua do menino.

A professora só olha e tenta entender o porquê? Foram duas palavras e o início da confusão. As professoras são cuidadosas em dizer não, mas percebem que a palavra está escondida dentro de outras. Para o menino, o “não” é a “start” e este pode estar até dentro de um olhar.

Conversas, diálogos e enfrentamentos. Do outro lado da sala uma menina se esconde embaixo da mesa. Ela também não aceita o não. Afinal, ela já nasceu com o “não” da vida. Ela mora em um quarto com oito pessoas, não tem banheiro. Toma banho quando dá. Uma quentinha alimenta quatro. Ela não quer os restos e toma do outro o que quer. Quando questionada ela não fala. Seus olhos são cheios de fúria, seus gritos param a escola.

A menina se arrasta. Nela não há lágrimas, não há palavras, somente silêncio e repúdio. Seu corpo, que agora se arrasta, avança contra os colegas que imploram por ajuda. A força que suas mãos indignadas trazem não batem só por conta do sentar, batem por todo o sentimento reprimido.

A professora reage, horas com palavras, horas com silêncio. Ela não sabe o que fazer, pois menino e menina, sem fazer força ensinam os outros. Em uma metodologia que só criança entende. A professora se vê testada, todos os dias, e adocece. Resultado, ela chora sentindo-se incapaz. Como ela não sabe lidar com essa situação? Ela não tem pulso firme? Como essas crianças ficaram assim?

A equipe técnico-pedagógica⁴ da escola, em conjunto aos professores, foi criando diferentes estratégias para a consolidação de práticas que favorecessem a promoção da autoestima das crianças. Dois projetos foram promovidos e geraram a aberturas dialógicas com as crianças. Um dos projetos trabalhou com a questão da autoimagem pela fotografia. Trabalhando e vivenciando o mundo fotográfico alunos e professores trilharam um caminho de encontro que perpassava pela imagem.

A cada nova leitura realizada, com as fotografias tiradas, um aspecto das relações eram trabalhados. No caso do menino, percebeu-se que ele gostava de ir para a escola, porém o tempo de nove horas o fazia sentir-se como prisioneiro. No caso da menina, descobriu-se que ela não se aceitava como menina e possuía uma relação difícil com a figura feminina.

Observado estes aspectos, foi possível para os professores criarem estratégias, verbais e não verbais, para amenizar as questões, de relacionamento violento, que se faziam presentes em seus cotidianos. De certo, outros pontos foram se apresentando, à medida que os projetos foram avançando, porém, foi possível perceber que as questões de enfrentamento ainda se apresentavam. Cabe ressaltar que, apesar de encaminhadas para avaliação psicológica, nenhuma das crianças conseguiu efetivamente um laudo enquanto frequentavam a Educação Infantil. Somente dois anos após a saída da Unidade de Educação Infantil (UMEI), uma delas começou a participar de algum movimento terapêutico, encaminhada no Ensino Fundamental.

“Eu tô brabo, eu tô muito brabo.”

Antes de relatar a experiência, há necessidade de situá-la dentro do contexto. Essa experiência ocorre nos primeiros meses de inserção profissional de uma jovem professora, que após poucos meses de formada em pedagogia resolve fazer um processo seletivo para a Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal Fluminense (UEIUFF), sua universidade de formação. A jovem professora passa em primeiro lugar para substituir durante um ano uma

⁴ A equipe técnico-pedagógica da UMEI é composta por Direção (Diretor e Diretor Adjunto, Secretária, Pedagogo e Coordenação de turno).

professora concursada que tirou licença para o mestrado, e se depara com o desafio de colocar em prática o que aprendeu na teoria em sua graduação.

Além do desafio de se inserir profissionalmente na docência, a professora encontra uma escola pulsante e com métodos diferenciados de trabalho, os quais ela nunca havia trabalhado em seus estágios. São muitas as questões a serem respondidas, mas a alegria de sua primeira experiência profissional ser em uma escola que tem um pensar diferenciado e reflexivo, em sua prática, se reflete em seu entusiasmo de aprender com todo o grupo de profissionais da UEIUFF.

A UEIUFF, como dito anteriormente, possui métodos diferenciados de trabalho e que fazem a dinâmica escolar se apresentar de outras maneiras. A primeira questão que chama a atenção da jovem professora é a multi-idade, as crianças são divididas em quatro grupos: Grupo Azul, Grupo Amarelo, Grupo Verde e Grupo Vermelho. O primeiro grupo, é o único que todas as crianças tem a mesma idade, 2 anos. Os demais grupos acolhem crianças de 3 anos até 5 anos e 11 meses, cinco crianças de cada idade. Cada grupo tem duas professoras, mas trabalham em horários diferentes e as crianças entram na escola por meio de sorteio. No primeiro momento a jovem professora se assusta com a questão das diferentes idades no grupo, mas após algum tempo entende a proposta da multi-idade na Educação Infantil. Compreendendo a perspectiva da escola de que (MATA. 2015, p.34):

Nas escolas de nossa estrutura social, capitalista, brasileira, formar turmas pelo critério da idade é uma das práticas da escola tradicional que busca a padronização, normatização e suposta homogeneização das classes; definição de conteúdos e currículos de acordo com a faixa etária; avaliação dos resultados em função do nível de desenvolvimento/maturidade/prontidão e das condições cognitivas, sensório-motoras e biológicas, que os alunos deveriam apresentar em determinada idade.

Nesse contexto de luta contra a estrutura social capitalista que se trabalha na UEIUFF, assim como a multi-idade existem outras perspectivas do trabalho que buscam encontrar novas maneiras de organizar e pensar uma Educação Infantil por outro viés. Por exemplo, a escola não trabalha com datas comemorativas, efemérides, por entender que são uma construção capitalista para vender produtos em dias como os das mães, dos pais, ou para

representar toda uma cultura em um único dia do ano como o dia do índio e da consciência negra. Outra questão é das crianças chamarem os adultos da escola por seus nomes, e não por “tio” ou “tia”. Entendendo que todos são sujeitos únicos e devem ser reconhecidos como tal, não sendo homogeneizados por “tio” e “tia”.

Por fim, a pedagogia de projetos, cuja jovem professora ainda está se ambientando para realizá-la. Pensar um projeto educativo através das inquietações de crianças de multi-idades está sendo um grande desafio para ela, que está ainda em fase de conhecer a política da escola e as crianças, buscando colher informações que possam lhe ajudar a elaborar um projeto que seja de interesse das crianças e que traga novas experiências e expanda o repertório das mesmas. Porém, vale ressaltar a importância das reuniões semanais de formação que inclui todos da equipe pedagógica, professores, coordenação e bolsistas. Nessas reuniões, além de se discutir as questões pontuais da semana, há debates sobre as teorias que embasam a prática da escola. Em uma dessas reuniões foi estudado um texto sobre projetos, que fez com que a jovem professora pudesse compreender melhor essa dinâmica de trabalho. Um trecho do texto a chamou mais atenção:

O trabalho por projetos se diferencia de outras estratégias pedagógicas em vários aspectos: sua concepção de conhecimento e aprendizagem, sua visão do papel do professor e dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, sua definição dos tempos do ensino e da aprendizagem. A característica principal dessa estratégia é criar condições para provocar o envolvimento direto e ativo dos participantes na busca e produção de conhecimentos, conhecimentos esses que dizem respeito a problemas e questões que fazem sentido para todos (o que é diferente de adquirir ou construir conhecimentos sobre conteúdos fragmentados, isolados e separados). (COLINVAUX, 2011. p. 38).

Nesse íterim, de inserção profissional como docente e em uma escola de pensar diferenciado, que faz com que a jovem professora pense e repense em sua prática, ocorre o relato de experiência que será discorrido nos próximos parágrafos. O relatório falará de uma criança de três anos com o limiar de frustração baixo, a postura da jovem professora e da escola perante essa criança.

O Caio⁵ é uma criança que completou seus três anos na primeira semana de aula do ano letivo de 2018. Foi a única criança do grupo vermelho nova na escola, pois os que acabaram de completar 3 anos eram do grupo Azul no ano anterior e as crianças de 4 e 5 anos já estavam no grupo vermelho. Logo nos primeiros minutos de sua chegada à escola ele entrou correndo pela sala de referência do grupo, acompanhado de seu pai e sua irmã mais velha, e soltou a seguinte frase: “- Papai, papai, adorei minha escolinha nova!”. Enquanto pegava os brinquedos e começava a se divertir, dando tchau para o pai e a irmã.

Assim Caio chegou à escola, com seu jeito irreverente, animado e imaginativo, desde então todos os dias que entra pela porta da escola dá bom dia a professora, se despede dos pais e corre para brincar com os brinquedos e os amigos. Caio tem sempre boas histórias pra contar, adora conversar e é muito engraçado. Porém, logo nos primeiros dias a jovem professora e toda equipe da UEIUFF começaram a perceber o baixo limiar de frustração de Caio.

Compartilhar os brinquedos com os colegas, momentos da rotina como roda de combinados e descanso, esperar a vez de brincar ou de falar, geram conflitos com Caio. A criança reage às questões em que seu limite é testado com agressividade e irritabilidade, gritando a seguinte frase: “Eu to brabo, eu to muito brabo.” Nesses momentos, ele bate, morde, grita e joga tudo o que vê pela frente.

Em uma dessas situações, enquanto estávamos na aula de música, a professora de música levou um novo instrumento para a turma, o Huculele, propondo que todos pudessem tocar juntos. Primeiro, a professora tocou algumas músicas no instrumento para as crianças acompanharem cantando, porém o Caio tentava mexer a todo tempo no instrumento, precisando ser contido em alguns momentos. Quando a professora começou a passar o instrumento para as crianças tocarem e conhecerem, o Caio se desestabiliza, pois queria ser o primeiro. Ele grita que está brabo e sai correndo da sala. A

⁵ Informamos para fins desse artigo que Caio não é o nome verdadeiro da criança que descreveremos, é um nome fictício.

jovem professora nesse momento precisa intervir, e tenta conversar com ele, porém a criança fala as seguintes palavras: “Deixa eu viver a minha vida!”

Em outro dia, durante a hora do descanso todas as crianças do grupo estavam deitadas em seus colchões tentando relaxar, porém Caio resiste a esse momento e tenta acordar seus amigos e brincar na sala gritando e “fazendo birra”. A jovem professora se vê mais uma vez na posição de intervir, já que o mesmo estava incomodando os amigos que gostariam de descansar, tenta conversar com ele e colocá-lo no seu colchão para que ele pudesse relaxar também. Ele ficou ainda mais resistente e tentou bater na jovem professora, enquanto gritava e chorava. Ela deixou que ele fosse para um canto da sala esperando que ele se acalmasse, porque ele estava dizendo que a jovem professora estava batendo nele. Uma bolsista chegou e o viu chorando e gritando no canto da sala, foi conversar com ele, que nos primeiros momentos resistiu bastante, porém depois conversou com a bolsista dizendo que estava muito triste, pois seu avô tinha morrido e contou uma história bem triste. Após essa situação, a jovem professora e a bolsista conseguiram fazer com que ele deitasse e descansasse um pouco.

Todos os grupos da escola têm em sua rotina uma hora de biblioteca que são divididas em dois tempos de trinta minutos na parte da manhã e trinta minutos na parte da tarde, o grupo vermelho costuma se dividir nesse momento, metade da turma vai à biblioteca em um horário e a outra em outro. O Caio adora ir à biblioteca e sempre pede para participar nos dois horários, e não impedimos, porém ele tem muitos embates com as bibliotecárias, às vezes precisando ser retirado. Em um desses embates, Caio estava com um livro, mas se sentiu atraído por outro livro que estava com um coleguinha da turma e prontamente tentou puxá-lo da mão do colega. As bibliotecárias interviram na situação, ele estava quase rasgando o livro e irritado mordeu uma das bibliotecárias, bateu e gritou. As bibliotecárias precisaram chamar a jovem professora para intervir na situação, que o tirou da biblioteca e levou para a sala do grupo, conversou com ele até que se acalmasse.

Todo o Campus do Gragoatá é uma extensão da UEIUFF, as famílias das crianças ao matricularem tem ciência de que eles vão explorar o campus.

Em um dia da aula de artes, a professora iria levar o grupo vermelho para observar e desenhar um espaço do campus. Antes de levá-los a professora de artes sentou para conversar com o grupo sobre os combinados do passeio, porém Caio não quis participar desse momento e gritava e chorava que queria brincar de massinha. As crianças foram para o passeio e o Caio precisou ficar na escola, pois havia jogado muitos brinquedos pelo chão, não ouvir os combinados e continuava a gritar e tentar a agredir os adultos que tentavam acalmá-lo, a jovem professora ficou com ele. Ele no primeiro momento ficou ainda mais irritado por seus amigos estarem indo passear e ele ficar, depois disse que ia fazer umas flexões para se acalmar e por fim se acalmou, guardou os brinquedos e ficou pedindo desculpas e para ir ao passeio. A jovem professora explicou a ele que tinha perdido o direito de estar naquele momento de passeio com o grupo, e depois de socos e chutes, jogado no chão, ele entendeu. Quando a professora de artes chegou, ele correu até ela e a bolsista e pediu desculpas por seu comportamento.

Caio tem comportamentos de explosão muito fortes, sendo agressivo e se frustrando com muita facilidade, porém é uma criança muito carinhosa com os amigos e com todos os adultos da escola. A comunidade escolar entrou no movimento de olhar para Caio e ajudá-lo a reconhecer aquele espaço e os combinados que existem dentro da UEIUF, que mesmo sendo uma instituição que preza pela liberdade de escolha da criança, entende que qualquer instituição social tem normas de convivência. Sendo assim, faz parte do educar e do cuidar ensinar às crianças a importância de respeitar essas normas de convívio social. A partir de uma reunião equipe em que a jovem professora expos as questões que vinha enfrentando com aquela criança. A UEIUFF tem a política de fazer anamnese com todas as famílias das crianças que estão matriculadas pelo menos uma vez ao ano, logo ficou decidido que chamar a família de Caio seria uma das prioridades.

Assim foi feito, a reunião com a família de Caio foi marcada, aconteceu e trouxe esclarecimentos e apontamentos do seu comportamento para a jovem professora. Seus pais contaram que o mesmo possui comportamentos parecidos em casa e que eles se utilizam de algumas estratégias para contornar, como por exemplo, por ele ser uma criança muito carinhosa dizer

que estão tristes com ele e que querem ficar sem conversar durante um tempo. Contam que Caio tem uma irmã seis anos mais velha e que era muito calma. Lidar com as birras de Caio também era um desafio para eles. A jovem professora relatou-lhes sobre dois episódios contados pelo aluno, o das flexões e da morte do avô. No que diz respeito às flexões, os pais contaram que foi um combinado da casa que quem deixasse a porta da varanda aberta deveria pagar algumas flexões, já que Caio sempre a deixava aberta e é muito alérgico a mosquitos. Quanto ao avô, a jovem professora ficou impressionada, pois o mesmo não chegou a conhecer seu avô, ele já havia morrido quando ele nasceu. E que Caio tende a imaginar histórias ou mudar de assunto quando percebe que seu comportamento não foi legal e ele não vai conseguir o que desejava. Essa reunião esclareceu muitos pontos para a jovem professora. Os pais do Caio combinaram apoiar a escola nesse movimento de ajuda à criança. Levando-o a entender que, mesmo em um espaço que preze por sua liberdade e imaginação, existem combinados, e que é necessário escuta-los e respeitá-los.

Conclusão

Dessa maneira, passado os dois relatos, o da professora da Rede Municipal de Educação de Niterói e da Jovem professora da UEIUFF. Entendemos que, por mais que as histórias vivenciadas e os ambientes em que elas ocorram sejam diferentes, existem pontos em comum. Principalmente, quando se trata da relação das professoras com crianças que reagem de forma agressiva quando impedidas de realizarem as suas vontades. Nos dois casos, a busca pela compreensão do que levou a criança a estes episódios, tornou-se prioridade a partir do momento que as professoras não tomaram atitudes repressivas e coercitivas como forma imediata de conter tais comportamentos.

O olhar das professoras para com essas crianças representam suas perspectivas do que seja o educar, ou seja, uma educação que não procura rótulos e terceirização dos problemas, mas que percebe o aluno enquanto sujeito histórico e entende que seu papel é pensar em estratégias que auxiliem o desenvolvimento dessa criança. A educação pensada por essas professoras tem um nome, Pedagogia Social, uma teoria prática que pensa a educação

pelo viés de compreender o outro. Baptista (2011, p.143) relata-nos a importância da Pedagogia Social dentro da Educação:

Pedagogia Social e Educação Escolar – domínio de intervenção na área da mediação escolar, nomeadamente no eixo escola-família-comunidade e numa perspectiva de articulação entre os espaços de aprendizagem formal, não formal e informal.

Percebemos na ação prática das professoras o diálogo com essa teoria, principalmente, na questão de mediar as relações escola-família-comunidade. As duas professoras apontam em seus relatos a tentativa de conversar com a família e compreender a história daquela criança para encontrar meios de ajudar a controlar seus anseios. Também fazem menção ao apoio que receberam das equipes pedagógicas de suas escolas para pensar sobre as situações vividas. Atentamos também, para o fato de que as duas professoras parecem entender que as crianças relatadas não aprendem somente no âmbito escolar, que seus comportamentos e as histórias que trazem são fruto de outros espaços de aprendizagem, seja a família, a televisão, a igreja ou qualquer outro.

Araújo (2017, p.4) nos fala que “*o segredo de ensinar a cada aluno está dentro de cada um deles*”. E partindo desse princípio da Pedagogia Social, do olhar diferenciado para a criança, que busca compreendê-la, acolhe-la e reconhecê-la como sujeito, que entendemos a necessidade de rever nossas práticas e estarmos nos atentando para a importância do papel do professor dentro da vida dessa criança. Pois podemos escolher se vamos rotulá-la e diagnosticá-la, ou se vamos acolher, compreender e buscar meios para mediar sua relação com a aprendizagem e o mundo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Margareth Martins de. **Meu Encontro com a Pedagogia Social. Revista Pedagogia Social UFF**, [S.l.], v. 2, n. 02, July 2017. ISSN 2527-0974. Disponível em: . Acesso em: 18 sep. 2017.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.

BAPTISTA, Isabel. Pedagogia Social em Portugal: testemunho de uma realidade em construção. In: SILVA, Roberto. **Pedagogia Social: contribuições para uma teoria geral da educação social**, volume 2. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

COLINVAUX, D.. “Projetos” ou trabalho por projetos ou pedagogia de projetos. In: Dominique Colinvaux (Org.). **Cadernos Creche UFF: Textos de Formação e Prática**. Niterói: Editora da UFF, 2011, v.1, p. 37- 44.

Cunha, Erika Juliano e Lima, Renato da Silva. **A abordagem sócio-interacionista e a teoria do construtivismo como bases para a simulação de conceitos logísticos em salas de aula**. XI SIMPEP - Bauru, SP, Brasil, 08 a 10 de novembro de 2004. Acesso em Maio de 2018

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOHAN, Omar Walter. **Pesquisa em educação**. São Paulo, v.29, n.1, p.11-26, jan./jun.2003.

LUSTIG, Andréa Lemes; CARLOS, Rinalda Bezerra; MENDES, Rosane Penha; OLIVEIRA, Maria Izete de. **Criança e infância: contexto histórico social**. Disponível em <http://www.grupeci.fe.ufg.br/up/693/o/TR18.1.pdf> . Acesso em maio de 2018.

MATA, Adriana Santos da. **Multi-idade na educação infantil**. Curitiba: Appris, 2015.

OLIVEIRA, Maria Izete de. **Indisciplina escolar: representação social de professores que atuam no ensino fundamental da Cidade de Cáceres/MT**. 2002. 170f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução Suzana Menescal. Graphia Editorial, São Paulo: 1999.

SOUZA, Isabella; MATTOS, Paulo; SCHMITZ, Marcelo; SERRA-PINHEIRO, Maria Antonia. **Transtorno desafiador de oposição: uma revisão de correlatos neurobiológicos e ambientais, comorbidades, tratamento e prognóstico**. In. Revista Brasileira de Psiquiatria. Vol 26, número 4, São Paulo, 2004.

WINNICOTT, Donald. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed., reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, 270 p.